

Mendigo usa de esperteza para conseguir dinheiro

Nova Venécia (Sucursal) — O alto índice de mendicância nos bairros da área urbana de Nova Venécia está obrigando os moradores a adotarem providências específicas para enfrentar a situação. Ao mesmo tempo, os mendigos usam a criatividade, objetivando sensibilizar as pessoas. O resultado desta constrangedora relação varia de acordo com as circunstâncias, que envolvem aspectos financeiro, sociológico e religioso. Neste contexto, fica evidente que a crise, sobretudo a de caráter moral, tem uma influência fundamental na discussão, ou seja, a desconfiança entre as duas versões da realidade social no município é recíproca.

O processo de mendicância mostra que ser mendigo exige muito mais do que a simples necessidade de pedir. Em Nova Venécia, as crianças são peças fundamentais no esquema. Quanto mais desnutridas e menores, maiores as chances de sucesso. E quem observá-las mais atentamente certamente irá se surpreender com a capacidade de representar que muitas delas exibem. Por trás de um fisionomia que sugere tragédia, dor e sofrimento, pode estar escondido um esperto moleque. É o caso de G.T.S., de 14 anos. Quando não está esmolando ele passa o tempo brincando com os colegas, sempre alegre, correndo de um lado para o outro, como se fosse invulnerável à pobreza que atinge sua família. Mas na hora de “correr atrás do prejuízo”, conforme revelou, o menor assume uma postura diferente. Ele disse que veste a camisa mais velha, suja os cabelos com terra e encarna uma expressão de tristeza.

Mentira

G.T.S. disse que nem todas as crianças pobres revelam capacidade para pedir esmola. Seu irmão, por exemplo, de 15 anos, “teve” que engraxar sapatos, pois tinha vergonha de pedir, além de não conseguir sensibilizar as pessoas. M.D.J., de 13 anos, é menina, colega de G.T.S., e considerada uma das

mendigas mais espertas de Nova Venécia. Ela explicou que nem todos os dias são propícios para esmolar. Disse, por exemplo, que uma criança pedindo esmola em um dia chuvoso tem maiores chances de êxito. A menina destacou também as datas religiosas e contou que no último Natal encheu quatro sacos de alimentos e até presentes. U.J., de 14 anos, disse que quando as coisas estão ruins costuma apelar para o recurso mais radical que pode ser usado por um esmoler: mentir, lamentar a doença do pai que está na cama sem poder trabalhar ou o destino da criança que está em casa sem comer.

Afinal, qualquer pessoa que pede esmola, segundo Sabrina Gomes de Almeida, de 45 anos, sabe que irá encontrar pela frente pessoas que resistirão até o último momento para não contribuir, mas que poderão ser derrotadas pela emoção. E Sabrina não está errada. A professora Valdicéia Lima Trindade, de 34 anos, reside na Rua Bahia, Bairro Filomena. Ela disse que diariamente de três a seis mendigos apertam a campainha de sua residência. Valdicéia confessou que evita atendê-los, pois concorda com o marido, o motorista Argeu Lima, 45 anos, de que a maioria faz da mendicância uma forma alternativa de sobrevivência. Mas a professora admitiu que, em determinadas circunstâncias leva o mendigo até para dentro de sua casa.

Não ocorre diferente com o produtor Paulo Estevão, de 45 anos. Ele disse que não gosta de dar esmola e explicou que prefere dar “a vara de pescar a dar o peixe”. A comerciante Maria da Cunha Mendes, de 33 anos, se disfarça de empregada doméstica e informa aos mendigos que batem em sua porta que a patroa saiu. O comerciante Romário de Alagoas Shequer, de 56 anos, afirmou que se sente como se tivesse sido enganado toda vez que dá esmola a alguém, mas ao mesmo tempo pede a Deus que realmente tenha sido ludibriado, pois assim, segundo disse, se sente mais tranquilo.